

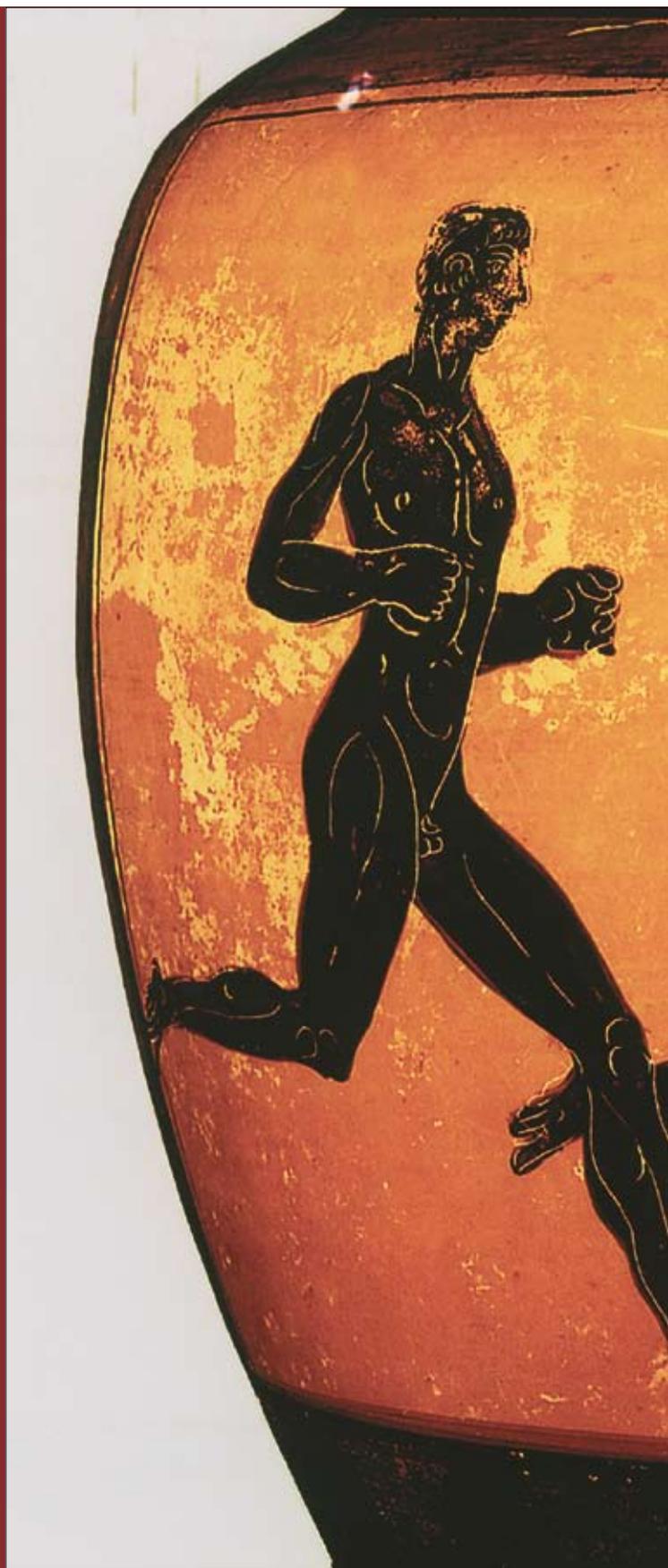
Divinas e imperfeitas

Prêmios em dinheiro, trapaçças e mulheres faziam parte do cenário das antigas Olimpíadas

MARCOS PIVETTA

No dia 13 de agosto as Olimpíadas serão encenadas pela segunda vez na era moderna em seu palco original, a Grécia. Como em 1896, quando serviu de sede para a primeira reedição contemporânea de uma das maiores manifestações culturais de seus antepassados, a cidade-monumento de Atenas se converterá de novo em morada – temporária, é verdade – dos maiores esportistas conhecidos. Gente de todos os continentes afluirá à capital grega para ver *in loco* as disputas (e milhões, talvez bilhões, acompanharão as contendidas pela televisão). Por 17 dias, período em que durarem as competições, Atenas será o centro do mundo. Como nos velhos tempos. Ou melhor, como um dia o fora o sagrado solo de Olímpia, distante cerca de 320 quilômetros de Atenas e berço primordial das célebres disputas.

Ali, em plena península do Peloponeso, na verdejante confluência dos rios Alfeu e Cládeos, ao pé do monte Cronos, os jogos nasceram como um festival em honra a Zeus, o pai de todos os deuses, em 776 a.C, talvez até antes. E de quatro em quatro anos, no verão do hemisfério Norte, eles se repetiam – não sem antes promover uma trégua entre as cidades-estado da Grécia, dadas a um belicismo crônico, a fim de que espectadores e participantes das competições, vindos de todo o mundo helênico, pudessem chegar sãos e salvos ao santuário do deus supremo em Olímpia. Foi assim, durante quase 12 séculos, até 393 d.C., quando o imperador romano Teodósio I, um cristão, aboliu por decreto os festivais religiosos.





Competidores de prova de longa distância: até a 17ª edição dos jogos, os eventos esportivos se resumiam às corridas

A cada edição das redivivas Olimpíadas, as comparações são inevitáveis: até que ponto os jogos modernos se assemelham às milenares competições que lhes serviram de inspiração? O exame sem fim de antigos textos gregos, os trabalhos de escavação em sítios arqueológicos do mundo helênico e o engenho analítico de pesquisadores de múltiplas áreas trazem à luz novos aspectos e artefatos ligados às míticas competições patrocinadas pela civilização normalmente rotulada como o berço do Ocidente. Seria ingenuidade esperar que os jogos do passado e os do presente, separados por pelo menos 1.500 anos de história – as últimas Olimpíadas antigas foram no final do século 4 d.C. e as primeiras modernas em 1896 –, fossem como pai e filho. Um a cara do outro. Os tempos são literalmente outros.

Mas, mesmo dando esse desconto cronológico, mitos e incompreensões ainda povoam o imaginário popular a respeito dos antigos gregos e seus confrontos atléticos. “Muitas pessoas não entendem que os antigos jogos eram parte de um festival religioso, ao passo que os nossos são um evento secular (laico)”, afirma o norte-americano David Gilman Romano, da Universidade da Pensilvânia, especialista em arqueologia clássica. Em outras palavras, enquanto os jogos atuais são uma criação do homem para o homem de cunho exclusivamente atlético (e comercial, diriam seus críticos), as competições originais eram feitas pelo homem para os deuses do Olimpo e incluíam, além das provas esportivas, uma série de concursos artísticos, nas áreas de teatro, música, poesia e escultura. Sacrifícios de animais, orações e oferendas de bebidas aos deuses, cânticos, melodias de flauta, nada disso era estranho ao contexto em que ocorriam as primeiras Olimpíadas.

Apesar de o caráter sagrado das antigas Olimpíadas ter se diluído na mente de boa parte das pessoas do século 21, um traço dos deuses costuma ser erroneamente associado aos velhos jogos: a perfeição. “Para muita gente, as Olimpíadas modernas estão cheias de problemas e os antigos jogos eram ideais em todos os sentidos dessa palavra. Não havia corrupção, trapaças, nacionalismo, comercialismo nem envolvimento político ou militar nas disputas”, comenta Romano. É lógico que essa visão de Poliana sobre os antigos jogos nem sempre encontra amparo em escritos deixados pelos próprios gregos a respeito de seus festivais. Zelosos de que suas competições fossem levadas a cabo da forma mais justa possível, dentro de preceitos éticos e em pé de igualdade, os gregos não hesitavam em punir os espertinhos de então. Atletas que eram pegos trapaceando nas competições recebiam uma multa e eram humilhados em público. Com o dinheiro da punição, uma estátua de bronze em honra a Zeus era erigida num ponto estratégico, à vista de



Arremesso de disco: uma das provas do pentatlo antigo

todos: o caminho que dava para o *stádion*, o local onde aconteciam as provas de atletismo, em cujas arquibancadas cabiam mais de 40 mil pessoas (as lutas eram na palestra, as provas eqüestres no hipódromo e os treinamentos no ginásio).

O termo *stádion* também designava uma corrida de velocidade com quase 200 metros de extensão, mais precisamente 192,27 metros – ou um *stádion* (ou estádio). Nas 13 primeiras edições das antigas Olimpíadas, entre 776 a.C. e 728 a.C., a única prova esportiva disputada foi o *stádion*. Seu primeiro vencedor foi Corebo, de Élis, cidade-estado vizinha a Olímpia. Foi um êxito caseiro. Do território de Élis fazia parte o santuário de Olímpia. Corebo estava praticamente em casa. Inventivos, os promotores dos jogos introduziram um segundo desafio a partir de sua 14ª edição, em 724 a.C.: o *díaulos*, uma corrida equivalente a dois estádios. A partir da 18ª Olimpíada, formas de disputa que não fossem as corridas foram sendo introduzidas aos jogos, como a luta, o pentatlo e as corridas de carro puxado por cavalos (veja texto sobre as provas das antigas Olimpíadas na página 12). “Com

o aumento do número de modalidades esportivas – no período clássico haviam atingido o total de 18 –, a duração da Olimpíada foi crescendo gradativamente de um para cinco dias de competições”, escreve Nicolaos Yalouris, ex-inspetor-geral de Antiguidades da Grécia e organizador do livro *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*, recém-lançado no Brasil pela editora Odysseus.



Para espanto de alguns fãs do atletismo, a maratona, prova de aproximadamente 42 quilômetros que funciona como um fecho apoteótico das disputas esportivas nas modernas Olimpíadas, nunca fez parte do calendário de eventos dos antigos jogos. É uma invenção dos tempos de Coubertin, dos primeiros jogos da era moderna, em 1896. Seus idealizadores sempre disseram que a longa corrida se inspira num evento da Antiguidade: em 490 a.C., os gregos bateram os persas na Batalha de Maratona e o soldado Fidípides correu cerca de 40 quilômetros para levar a notícia da vitória até Atenas e, exausto, morreu assim que cumpriu a sua missão. Por essa versão, de longe a mais difundida, a maratona moderna é uma homenagem ao heróico mensageiro. Mas, de acordo com o grande historiador Heródoto (484 a 425 a.C.), a fonte escrita cronologicamente mais próxima dos eventos em questão, o arauto nunca realizou tal percurso para levar a boa nova do triunfo ateniense. Em 490 a.C., assim que os persas invadiram a Grécia, antes, portanto, da Batalha de Maratona, Fidípides foi, em vão, de Atenas a Esparta pedir a ajuda dos rivais para combater o novo invasor. Corredor “profissional”, o mensageiro percorreu duas vezes os 230 quilômetros que separavam as duas mais poderosas cidades-estado da Grécia Antiga. “E ele não morreu em razão de sua corrida”, diz Romano.

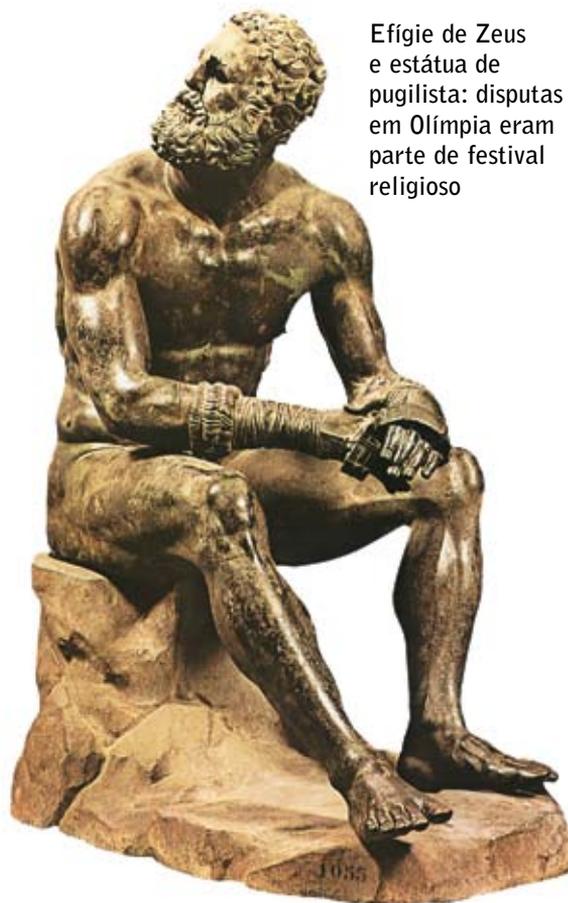
Como a democracia ateniense, que só concedia direitos de cidadão aos homens adultos e livres do mundo helênico (estrangeiros e escravos não tinham voz política), os participantes das antigas disputas em Olímpia tinham de ser do sexo masculino. Só que nem todos precisavam ser adultos. Com o tempo, algumas provas para garotos, com idades entre 12 e 17 anos, foram criadas. Em 632 a.C., durante a 37ª Olimpíada, o menino Polinice, de Élis, tornou-se o primeiro campeão infantil da corrida do *stádion*. Independentemente da idade, os participantes dos jogos competiam sem roupa, com o corpo besuntado em óleo. “Ainda hoje não sabemos por que eles competiam nus e qual era a finalidade do óleo espalhado pelo corpo”, afirma Stephen G. Miller, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, que há 30 anos realiza escavações nos sítios arqueológicos de Neméia, onde

também havia uma versão local de festival religioso, com provas atléticas e artísticas.

Miller, aliás, tem uma teoria, controversa, de que a famosa democracia grega é derivada de noções de igualdade presentes nas competições esportivas do mundo helênico. “Encontramos em Neméia as bases de um mecanismo de partida para as provas de corrida que reforça a equidade objetiva da disputa”, diz o arqueólogo. “Isso me fez propor que a ascensão da democracia é um filhote dos esportes. Mas nem todos os meus colegas concordam com isso.”

Alguns especialistas tendem a descrever as provas atléticas das Olimpíadas como um simples treinamento para as competições que realmente importavam: as guerras entre as cidades-estado. Mas outros estudiosos contestam essa visão apenas utilitarista e militarista dos jogos. “Os esportistas eram uma parte especializada da sociedade que pertencia ao campo do entretenimento como os atuais atletas de elite”, pondera Miller, que lançou em abril nos Estados Unidos o livro *Ancient Greek Athletics*.

E as mulheres? Costuma-se dizer, categoricamente, que sua presença nas antigas Olimpíadas era proi-



Efígie de Zeus e estátua de pugilista: disputas em Olímpia eram parte de festival religioso

bida. Não podiam participar das provas, nem mesmo vê-las. Como resposta rápida e simplista, a afirmação é correta. Quem transgredisse essa regra pagava a ousadia com a vida: era lançada monte Tipéon abaixo pelos organizadores dos jogos. Mas havia exceções e brechas que permitiam a visão de rostos femininos nos jogos. Mulheres casadas realmente não podiam assistir às competições, mas as solteiras, provavelmente virgens, podiam – a despeito da visão dos corpos nus dos atletas, ou talvez por causa disso. Ninguém sabe ao certo. Se rica e proprietária de um carro de corrida e cavalos, uma grega de boa estirpe podia até mesmo se tornar uma campeã olímpica. Nas corridas de carro, a coroa de oliveira e as glórias ficavam para o dono do veículo – e não para seu condutor. Graças em grande medida aos escritos do viajante grego Pausânias (século 2 d.C.), os estudiosos sabem que, além das Olimpíadas, havia também um festival religioso em honra de Hera, a mulher de Zeus, em Olímpia. Nos jogos de Hera, meninas solteiras disputavam corridas, só que vestidas com suas túnicas, com no máximo um seio à mostra.

Festivais religiosos, marcados por disputas esportivas e artísticas, eram relativamente comuns em várias cidades-estado, as *póleis*, da Grécia Antiga. Havia importantes eventos com essas características em Delfos (Jogos Píticos), no Istmo (Jogos Ístmicos), perto do importante centro comercial de Corinto, e em Neméia (Jogos Nemeanos) – todos iniciados no século 6 a.C., cerca de 200 anos após o estabelecimento das competições em Olímpia. Em Delfos, as provas aconteciam a intervalos de quatro anos e eram uma honraria a Apolo, deus das artes e da harmonia. Nas outras duas *póleis* as disputas ocorriam a cada dois anos [no Istmo homenageavam Posídon (Netuno), o deus dos mares, e em Neméia, Zeus]. A partir de 565/6 a.C., Atenas também passou a promover a sua versão dos jogos, as Panatenéias, organizadas a cada quatro anos como um tributo a Atena, filha de Zeus, protetora da cidade e deusa da sabedoria. Enfim, não faltavam festivais para enlevar os gregos.



Treino de atletas ao som de flauta: concursos artísticos também ocorriam durante os jogos de Olímpia

Mas os de Olímpia eram os mais antigos, os maiores e os mais populares. Entre a horda de gregos que se dirigiam a essa cidade do Peloponeso para assistir (ou participar) às provas olímpicas havia espectadores de todo o mundo helênico – um vasto pedaço de terra que bordejava o Mediterrâneo e se iniciava em áreas hoje ocupadas pela Turquia, passava pelo norte da África, pela Sicília, pelo sul da França e se estendia até a Espanha. “No período clássico (entre os séculos 6 e 4 a.C.), a Grécia era muito fragmentada, composta por aproximadamente 1.500 cidades-estado”, diz Maria Beatriz Borba Florenzano, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). “As Olimpíadas eram um momento de encontro dos gregos, de formação de seu caráter. Competir fazia parte da educação de seus jovens.” Se, na mitologia, não faltam alusões a combates entre divindades, heróis, os gregos de carne e osso também deveriam pelear entre si. “De acordo com a tradição antiga, os deuses e os heróis foram os primeiros a competir em Olímpia e, desde então, permaneceram como modelo para os mortais”, escreve Nicolaos Yalouris. “Foi em Olímpia que Zeus venceu Cronos na luta (*pále*), e que Apolo derrotou Hermes na corrida e Ares no pugilismo.”

Ser sempre o melhor e sobrepujar os outros. Dita por Peleu a seu filho Aquiles no momento em que este partia para a Guerra de Tróia (séculos 12 ou 13



Corrida feminina em Olímpia: mulheres disputavam outros jogos, em homenagem a Hera

a.C.), onde morreria jovem e glorificado, a frase sintetiza o espírito que embalava os mais variados tipos de concurso que compunham os festivais religiosos no mundo helênico. Os vencedores de disputas olímpicas eram vistos como heróis, semideuses, aumentando o prestígio de suas cidades. Afinal haviam ganho um passaporte para o mundo divino em razão de seu feito. “Morre agora, Diágoras. Nada mais te resta a não ser ascenderes ao Olimpo”, grita em 448 a.C., durante a 83ª Olimpíada, um espartano para o nobre de Rodes. Ex-boxeador e antigo campeão olímpico, Diágoras é ovacionado pela platéia, em meio a uma chuva de pétalas de flores, e carregado pelos dois filhos em seus ombros. Motivo do júbilo: o atleta aposentado acaba de ver seus Damageto e Acusilaos receberem a coroa de oliveira por vitórias em provas de luta nos jogos. Duas gerações de campeões olímpicos numa mesma família. Alegria maior, impossível. E Diágoras se esvai nos braços filiais, com sua fronte adornada pelas grinaldas de Damageto e Acusilaos.

Quer dizer que, como o nobre de Rodes, os atletas só competiam na antiga Olímpia, e em jogos promovidos por outras cidades, pelo privilégio de se tornar um deus em vida (e também na morte, a exemplo de Diágoras) e por uma coroa de folhas de oliveira? Eles



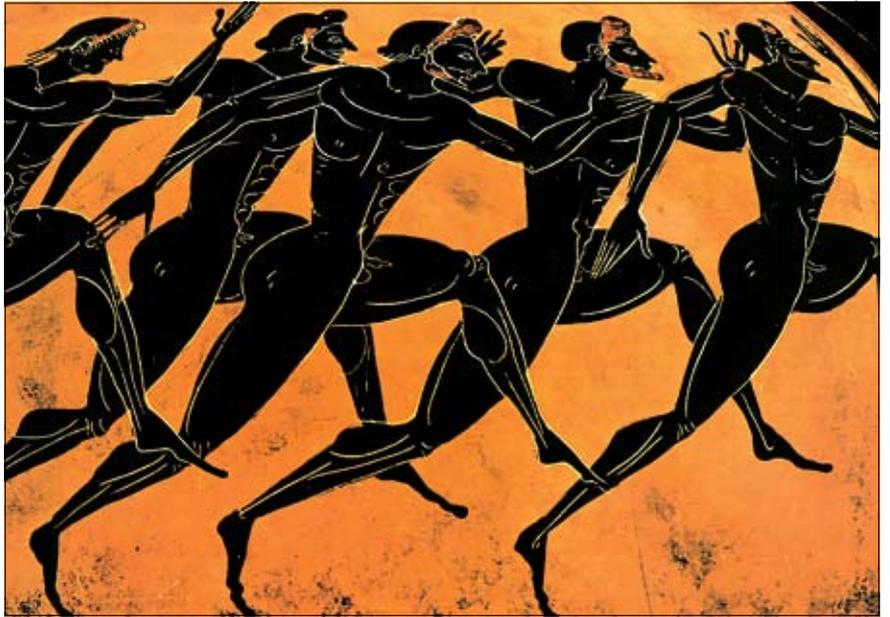
eram totalmente amadores e seus prêmios absolutamente simbólicos? Sim e não. Dos organizadores das Olimpíadas, os esportistas vitoriosos recebiam basicamente a grinalda, símbolo de sua conquista, honraria cobiçada por todos, inclusive nobres e governantes. É curioso notar que a coroa do vencedor era feita com folhas de diferentes plantas em cada um dos grandes festivais religiosos do mundo helênico: oliveira em Olímpia, louro em Delfos, pinheiro no Istmo e salsa em Neméia. Se, do ponto de vista material, os campeões olímpicos deixavam o santuário de Zeus com fama, mas ainda sem fortuna alguma decorrente de seus feitos atléticos, uma série de prêmios, alguns de alto valor pecuniário, remediariam em breve essa situação assim que os atletas vitoriosos retornassem a sua pólis natal: medalhas e estátuas com sua efigie podiam ser cunhadas, poetas podiam compor odes em sua homenagem, até mesmo gratificações em dinheiro não eram raras.

Segundo o biógrafo grego Plutarco (46 a 125 d.C.), um ateniense dos anos 550-600 a.C. que se sagraisse campeão nos esportes receberia um punhado moedas de prata, as dracmas, assim que pusesse os pés de volta em sua terra natal.

“O vencedor nos jogos do Istmo devia ter como recompensa 100 dracmas: o vitorioso nas Olimpíadas, 500”, escreveu Plutarco, em sua obra sobre Sólon, estadista e reformador de Atenas. Para a época, 500 dracmas era uma fortuna. Assim como hoje é uma fortuna oferecer um prêmio de US\$ 1 milhão para um atleta igualar o recorde de medalhas de ouro conquistadas numa única edição das Olimpíadas, feito hoje em poder do ex-nadador norte-americano Mark Spitz, que nos jogos de Munique, em 1972, terminou sete provas em primeiro lugar. Um patrocinador promete depositar essa quantia na conta bancária do nadador norte-americano Michael Phelps, de 19 anos, caso ele suba pelo menos sete vezes no lugar mais alto do pódio em Atenas 2004. Como se vê, apesar de todas as diferenças, os antigos e os modernos jogos ainda têm muito em comum.

Os desafios de Olímpia

Durante o período em que foram disputados, de 776 a.C. a 393 d.C., os jogos originais chegaram a durar cinco dias e a incluir duas dezenas de modalidades



FOTOS REPRODUÇÃO DO LIVRO OS JOGOS OLÍMPICOS NA ANTIGA GRÉCIA

Stádion

A primeira e única prova nas treze edições iniciais das Olimpíadas, entre 776 a.C. e 728 a.C. É uma corrida de velocidade na qual seus competidores têm de percorrer 192,27 metros, 1 *stádion* (estádio).

Díaulos

Corrida equivalente a dois estádios, quase 400 metros. É a segunda modalidade introduzida nos jogos de Olímpia, a partir de 724 a.C., na 14ª Olimpíada.

Dólikhos

Evento para fundistas do atletismo. A corrida do *dólikhos* varia de 7 a 24 estádios, entre 1.345 e 4.614 metros. Passa a ser disputada a partir da 15ª Olimpíada (720 a.C.).

Luta

Combate físico travado entre dois oponentes dentro de uma área delimitada por uma cova de areia em que ambos não podem trocar socos, aplicar golpes nos órgãos genitais ou dar mordidas. Quase tudo

o mais vale: safanões, chaves de pescoço e até quebrar os dedos do oponente. Modalidade da pesada adotada a partir da 18ª Olimpíada, em 708 a.C.

Pentatlo

Inclui cinco modalidades: salto em distância, prova do *stádion*, lançamento de dardo, arremesso de disco e luta. Como a luta, vira esporte olímpico em 708 a.C.

Pugilismo

Forma de combate mais próxima do boxe atual. Os participantes têm as mãos revestidas de faixas de couro em torno do punho e desferem socos. Adotado a partir de 688 a.C. nos jogos de número 23.

Téthrippon

Na 25ª Olimpíada, em 680 a.C., homens e animais formam um time num hipódromo. De inspiração militar, o *téthrippon* é uma corrida de carros puxados por quatro cavalos. Nas guerras, dois homens ocupam o veículo de madeira, o auriga e o guerreiro. Mas, quando

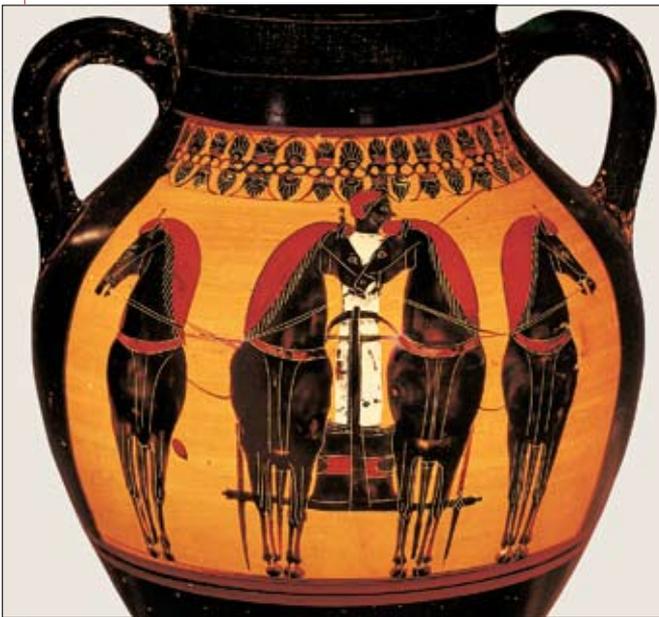
usado para fins esportivos, o carro abriga apenas o seu condutor. A prova goza de grande prestígio. Detalhe: a glória e a coroa de vencedor ficam com o (rico) proprietário do carro, que pode até ser uma mulher ou criança.

Kéles

Cavaleiros montando cavalos adultos disputam a honraria de ser os primeiros a dar seis voltas na pista do hipódromo. Cada volta equivale a pouco mais de 1.500 metros. A modalidade surge em 648 a.C., no 23º jogo.

Pancrácio

Uma versão helênica das lutas modernas do vale-tudo. Ou, na definição de um dos antigos exegetas de Platão, “uma competição que combinava a luta imperfeita com o pugilismo imperfeito”. Com as mãos nuas, sem as faixas de couro que revestem o punho dos pugilistas, seus atletas podem aplicar qualquer golpe nos adversários, desde que não usem os dentes ou as unhas. Como a modalidade anterior, torna-se esporte olímpico em 648 a.C.



Corrida, disputas equestres e pancrácio: as antigas Olimpíadas eram compostas por competições de atletismo, provas com animais e lutas

Stádion e luta infantil

Essas duas modalidades, que entraram na 37ª edição das Olimpíadas, em 632 a.C., foram as primeiras a ser disputadas por meninos, em geral de 12 a 17 anos.

Pentatlo infantil

Adotado apenas durante os jogos de 628 a.C., durante a 38ª Olimpíada. A prova, em sua versão para garotos, nunca mais é disputada.

Pugilismo infantil

Novidade para garotos surgida no 41º jogo, em 616 a.C.

Drómos hoplites

Corrida curta, de no máximo 4 estádios, introduzida em 520 a.C. (65ª Olimpíada), na qual seus competidores têm de vencer a distância da prova carregando armas. Inicialmente, seus participantes têm de vestir uma armadura e segurar um escudo de madeira revestido de bronze. Com o tempo, sobra só o escudo e os competidores passam a correr nus.

Apéne

Mais uma prova equestre: uma corrida de carros puxados por duas mulas. Adotada em 500 a.C., no 70º jogo, e abandonada na 84ª Olimpíada, em 444 a.C.

Kálpe

Disputada pela primeira vez em 496 a.C., na 71ª Olimpíada, a prova é uma corrida na qual o cavaleiro montava uma égua. Não se sabe de quantas voltas pelo hipódromo consistia o concurso, descontinuado, como a *apéne*, em 444 a.C.

Synorís

Corrida em que dois cavalos puxam um carro guiado por um condutor. Outra novidade equestre incorporada aos jogos em 408 a.C. na 93ª Olimpíada.

Concursos de trompetistas e arautos

Uma prova bastante diferente das demais, em que, como os atletas, músicos e mensageiros têm a sua chance de ascender ao Olimpo.

Competição introduzida em 396 a.C., no 96º jogo.

Téthrippon de potros

Versão dessa modalidade que entra para o programa em 384 a.C., no 99º jogo.

Synorís de potros

Semelhante à *synorís*, só que, nesse caso, o carro é puxado por dois jovens. O concurso começa a ser disputado na 128ª Olimpíada, em 268 a.C.

Pólou kéletos

A corrida de potros. Prova de hipismo em que a montaria são cavalos jovens. Novidade adotada a partir do 131º jogo, em 256 a.C.

Pancrácio infantil

Combate vale-tudo para garotos introduzido em 200 a.C., na 145ª Olimpíada. É a última modalidade a entrar para o rol de provas olímpicas na Antiguidade. Como se vê, a maratona nunca fez parte dos jogos originais.